



Infância 2.0: como o Facebook afeta os processos de socialização infantil¹

Paulo Pinheiro²

Tomás Albrecht³

ESPM-Sul

Resumo:

O trabalho analisa como as crianças utilizam a rede social Facebook para entender se o uso acaba por afetar o processo de socialização registrado na infância. Para entender como funciona esse processo foram entrevistadas oito crianças, com idade entre 11 a 12 anos, pertencentes a um colégio de Porto Alegre e que tivessem acesso à rede social. Descobriu-se que as crianças percebem o Facebook como uma forma de se manterem conectadas com seus amigos mais próximos, um espaço no qual tratam de diversão e hobbies.

Palavras-chave: infância; facebook; comunicação; socialização.

1 - A construção da infância

A sociedade contemporânea compreende a infância como um estágio distinto da vida. Este é um período que se interpõe entre uma idade em que se é um bebê e outra em que se é adolescente, e que só veio a existir nos últimos dois ou três séculos (GIDDENS, 2012).

O conceito atual de infância enquanto uma época durante a qual o indivíduo deve ser protegido e educado, enquanto um mundo à parte, distante da realidade adulta, é uma construção social. Dessa forma, há hoje um sentimento de infância que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO, CONSUMO E INFÂNCIAS, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Doutorando em comunicação pela PUCRS, professor da ESPM-Sul, ppinheiro@espm.br.

³ Publicitário formado pela ESPM-Sul, tomas.tommy@gmail.com.



corresponde a uma "consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem" (ARIÈS, 2006, p. 99). Tal sentimento, no entanto, nem sempre existiu, podendo ter a sua origem traçada até o século VXII. Brym et al (2006) argumentam que, antes deste período da história, simplesmente não havia função social para a ideia de infância.

As pessoas simplesmente não viviam o suficiente para se dar ao "luxo da infância" e que o papel social "criança" não se fazia necessário, pois a vida adulta não requeria qualquer tipo de treinamento ou aprendizado específico. Dessa forma, antes da revolução industrial, uma criança nada mais era do que um miniadulto. Afinal, em sociedades rurais, os filhos representavam a força produtiva e, desde o início de suas vidas, era esperado que se adaptassem às regras de um mundo maduro. Em tal contexto histórico, a partir dos 5 anos de idade, já começava-se a realizar diversas tarefas; aos 10, vinha o trabalho propriamente dito e, aos 15, se dava o casamento e a entrada final no mundo dos adultos (BRYM et al, 2006). Estas etapas vividas pelo indivíduo são, claramente, bastante distintas das contemporâneas.

No entanto, no universo medieval, já havia a ideia de fases da vida, sendo que uma delas era até mesmo denominada infância, se estendendo do nascimento até os 7 anos de idade (Ariès, 2006). É nela que surgem os dentes e a ideia de enfant, termo que significa o "não falante". Nessa idade, a criança "não tem seus dentes bem ordenados nem firmes" (ARIÈS, 2006, p. 6) e, por isso, não consegue dizer as palavras.

Apesar disso, o que não existia em tal contexto é a compreensão da infância como uma fase distinta e especial da vida. Relatos do século XVII deixam claro o quão irrelevantes eram as crianças, como um consolo dado a uma mulher que acabara de dar a luz e que já tinha cinco filhos. Aponta Ariès (2006, p. 22) que, para que ela se acalmasse, lhe foi dito o seguinte: "antes que te possam causar muitos problemas, tu



terás perdido a metade, e quem sabe todos". Montaigne⁴ afirmou: "Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero" (ARIÈS, 2006, p. 22).

Tais ideias são resultado de uma época em que a mortalidade infantil era, de fato, bastante alta, resultando numa indiferença em relação aos entes mais novos. Não havia a ideia de que a criança nascia com personalidade humana e o senso comum era semelhante às ideias de Montaigne que escreveu "não reconhecer nas crianças nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo" (ARIÈS, 2006, p. 22).

Também evidenciam este sentimento representações artísticas que colocam pequenas crianças em uma zona marginal, entre o plano terreno e a vida eterna, e o costume de alguns povos europeus, como os habitantes do atual País Basco, território entre a Espanha e a França, de enterrar as crianças sem qualquer cerimonial, nos jardins das casas.

2 - Aprendendo a ser humano: o processo de socialização

O ser humano é um animal social. Desde seu nascimento, a criança interage com o mundo e com as pessoas que lhe cercam, interpretando e reagindo aos mais diversos estímulos. Assim, o comportamento individual está sempre sob influência do contexto em que este se encontra "se dá num ambiente social, é decorrência dele, ao mesmo tempo em que o determina" (BRAGHIOLLI et al, 1990, p. 61). Assim, somos sempre influenciados pelo universo que nos circunda: "o contexto social ao nosso redor provê muitos de nossos pensamentos, convicções e comportamentos" (MYERS, 1999, p. 67).

No entanto, mesmo que a condição de animal social seja inata, tornar-se humano e parte de um coletivo particular de pessoas necessita aprendizado e interiorização. Este processo se chama socialização (BRYM et al, 2006), o qual pode ser compreendido como a etapa na qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade e consiste, antes de tudo, numa imposição de valores sociais sobre a

⁴ Michel de Montaigne (1533-1592) foi um ensaísta francês do século XVI. Nas suas obras analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época.



conduta individual (BERGER; BERGER, 1994). É um processo ligado ao desenvolvimento da espécie, argumenta Giddens (2005), pois, diferente de outros animais, os bebês humanos são indefesos por completo. A socialização, portanto, é uma aprendizagem essencial, um "processo por meio do qual a criança indefesa gradualmente se torna uma pessoa autoconsciente e instruída, hábil nos modos da cultura no qual ela nasceu" (GIDDENS, 2005, p. 42).

No entanto, tanto Giddens (2005) quanto Berger e Berger (1994) lembram que a criança jamais pode ser vista como uma vítima passiva de forças externas. É claro que existe imposição de valores (BERGER; BERGER, 1994), mas, desde o seu nascimento, o indivíduo tem suas demandas e exigências, transformando os pais e outras pessoas que o cercam (GIDDENS, 2005). Isso faz da socialização um processo de mão-dupla, no qual tanto criança quanto pais sofrem seus efeitos.

Esta reciprocidade é fundamental para ligar uma geração à seguinte (GIDDENS, 2005). Ao nascer, a criança faz de seus progenitores pais, que no futuro se tornarão avós. Cada um destes papéis traz novas responsabilidades e relações, tornando a socialização um processo interminável, que acompanha o indivíduo ao longo de toda a sua vida.

É importante ressaltar que o processo de socialização não é puramente social, uma vez que as crianças passam por desenvolvimento psicológico e cognitivo.

De fato, o processo de associação de estímulos e respostas é chamado de condicionamento, podendo ser clássico, com a "aquisição de novos sinais para respostas existentes" (BEE, 2003, p. 49) ou um processo de substituição de estímulos, ou operante, que envolve "a associação de uma nova resposta a um estímulo antigo, através da aplicação dos princípios adequados de reforço" (BEE, 2003, p. 49). Assim, um comportamento tende a ser repetido quando esse é seguido por um reforço: "no condicionamento operante fortalecemos um operante, no sentido de tornar a resposta mais provável ou, de fato, mais frequente" (SKINNER, 2003, p. 72).

As ideias de reforço e condicionamento são relevantes, pois se mesclam com a construção identitária do indivíduo. Afinal, da mesma forma que os comportamentos



são fortalecidos, dimensões da personalidade como apego ou competitividade também o são (BEE, 2003).

Vale ressaltar que tais aprendizados são fortemente influenciados pelo ambiente no qual o indivíduo está inserido, porque novos comportamentos não são aprendidos apenas por reforços, mas muitas vezes a partir da observação de terceiros, no que se chama de "aprendizagem observacional" (BEE, 2003). Mostrando a confluência e sobreposição de alguns pontos das diversas teorias, essa ideia está relacionada, também, com a psicanálise.

Bee (2003, p. 47) escreve que, nessas teorias, "a qualidade e o caráter dos relacionamentos da criança com algumas pessoas importantes são vistos como centrais para o desenvolvimento global da criança.". Essa ideia também converge com o conceito de agente de socialização, apresentado por Brym et al (2006) e Giddens (2005), que será trabalhado mais adiante no presente trabalho.

Vale ser ressaltado, contudo, que o processo de aprendizado não é "totalmente automático". O que, de fato, será aprendido pela criança depende de alguns aspectos do momento em que ela presencia um comportamento de um terceiro: (a) do que a criança presta atenção no comportamento do adulto; (b) do que é capaz de lembrar, (c) do que é fisicamente capaz de realizar e (d) do que a criança está motivada a realizar (BEE, 2003).

3 - O Facebook e a infância

A infância, em tese, não faria parte do Facebook. A rede social determina que para se cadastrar é preciso ter pelo menos 13 anos. Isto, porém, não é um obstáculo para crianças que possuam um conhecimento básico de Web. Por isso, a relevância deste estudo. Apesar de a prática ser proibida pela rede, as crianças fazem parte deste universo.

O Facebook é uma rede social de alcance planetário. Criada por Mark Zuckerberg, inicialmente com o nome de Facemask no final de 2003, com acesso apenas para alunos da Universidade de Harvard, tinha como objetivo comparar duas



fotos de identidade entre os alunos da Universidade. Correndo o risco de sofrer uma ação judicial, Zuckerberg cria o Facebook. (TELLES, 2010).

Rapidamente, a popularidade da rede cresce. Tanto que em setembro de 2006 é permitido que qualquer pessoa que tenha uma conta de e-mail acesse a rede. No final deste mesmo ano, o Facebook contava com mais de 12 milhões de usuários, tornando-se uma rede social para uso geral (BAREFOOT; SZABO, 2010).

A rede atinge o incrível número de 836 milhões de visitantes únicos, o Facebook se torna em 2012 o site mais acessado do mundo, segundo a comScore⁵, especialista em métricas digitais. O Facebook também atingiu o impressionante número de 1 bilhão de usuários ativos, tornando-se assim a maior rede social do mundo.

A partir deste ponto, a presença na rede social criada por Mark Zuckerberg torna-se praticamente obrigatória. Até mesmo para as crianças.

4 - Metodologia

O método de pesquisa utilizado foi o estudo, de vertente qualitativa, através do estudo exploratório. As técnicas de coleta de dados foram a pesquisa bibliográfica, documental, e o grupo focal. Já a unidade de estudo foi composta por 8 crianças, com de faixa etária entre 11 e 12 anos pertencentes a uma escola de Porto Alegre e que mantêm ativa uma conta no Facebook. Para examinar os dados coletados foi usada a análise de conteúdo.

5 - Análise de resultados

O Facebook é utilizado pelas crianças com uma grande frequência. Embora tenham sido apresentadas algumas restrições leves por parte dos pais para o seu acesso, como a realização prévia de tarefas escolares, os participantes relatam que acessam o site diariamente, na maioria das vezes ao final da tarde ou início da noite.

⁵ Dados atualizados sobre o alcance do Facebook no Brasil e no mundo podem ser encontrados em: < <https://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-e-documentos/2014/The-State-of-Social-Media-in-Brazil-and-the-Metrics-that-Really-Matter>>. Acesso em 15 jul 2015.



Com este uso regular, é natural que as crianças apresentem um bom conhecimento sobre o site e as suas ferramentas.

É bastante curioso reparar na definição dada por uma das participantes para o Facebook:

O Facebook é um site, né? Em que tu tem o teu perfil, tu adiciona pessoas que tem tipo... que tem conta, igual a ti, que tem exatamente o mesmo perfil que tu, só que com fotos da pessoa, com informações da pessoa. Ao longo que tu vai adicionando pessoas, tu tem a tua lista do bate-papo, que tu pode conversar com quem tiver online. (Participante 3).

Abram e Pearlman (2010) argumentam que é crucial que as pessoas se agrupem em torno de algo que lhe é importante, um assunto ou um objetivo. E isso as crianças fazem bastante. A ideia de segmentação de conteúdo é clara para elas, como diz uma entrevistada.

“Aí então tu posta uma coisa, só que, tipo, tem uma coisa que eu só quero mostrar para a minha turma. Aí tem o grupo da minha turma e eu posto lá” (PARTICIPANTE 1).

Como resultado disso, as crianças participam de uma numerosa gama de grupos com temáticas diferentes. Entre eles podem ser citados os grupos da 6ª série, das respectivas turmas do colégio, do colégio em si, da turma de ballet, do videogame favorito, da escolinha de futebol. Essa variedade e numerosidade ficam claras na fala de uma entrevistada quando questionada sobre o número de grupos aos quais pertencia:

“Ah, eu tenho uns grupos, uns 35 eu acho... É que assim, ó: eu tenho grupo de bandas, eu tenho grupo de best friends, eu tenho grupo da minha turma, da sexta-série, da minha família... eu tenho um monte de grupo. (PARTICIPANTE 2).

Assim, pode ser visto que a participação em grupos decorre de algum fato de sua vida cotidiana, como a vida no colégio, ou de algum hobby. Essa ideia de associação baseada em interesses comuns está associada ao que Christakis e Fowler (2010) chamam de homofilia, que consiste na busca dos indivíduos pela composição



de grupos a partir de características comuns com outros. “A verdade é que buscamos por pessoas que compartilham nossos interesses, histórias e sonhos” (CHRISTAKIS; FOWLER, 2010 p. 12-13). Mais do que isso, ao se agruparem, as crianças se constituem como comunidades de rede, que podem ser definidas como um “grupo de pessoas que estão muito mais conectadas entre si do que estão em relação a outros grupos de pessoas conectadas localizadas em outras partes da rede” (CHRISTAKIS; FOWLER, 2010, p. 9) no caso, o Facebook.

Tais comunidades, no entanto, são definidas mais por características estruturais, como proximidade, do que por características compartilhadas pelos membros a elas pertencentes. A questão de grupos também pode ser analisada sob a perspectiva das diferenças qualitativas das amizades de meninos e meninas. Argumenta Bee (2003) que, enquanto garotas costumam manter amizades intensivas, os garotos mantêm relacionamentos extensivos, com um maior número de membros. Isso pode ser visto nos grupos citados por meninos e meninas durante a pesquisa. Ao mesmo tempo em que uma participante fala que faz parte de um grupo de “bestes”, expressão para melhores amigas, os meninos admitem participarem dos grupos de “videogame” e “futebol”. A menina, portanto, fala em um grupo de amigas, enquanto os garotos comentam sobre um grupo muito mais aberto, não por afinidade, mas por um interesse comum.

Mais do que isso, ao se agruparem, as crianças se constituem como comunidades de rede, que podem ser definidas como um “grupo de pessoas que estão muito mais conectadas entre si do que estão em relação a outros grupos de pessoas conectadas localizadas em outras partes da rede” (CHRISTAKIS; FOWLER, 2010, p. 9) no caso, o Facebook.

Também foi percebida a importância do bate-papo como elemento de comunicação na rede social. “O (messenger) é onde tu conversa com quem tu quiser. E tu pode conversar em grupos, também” (PARTICIPANTE 2). Uma das participantes até mesmo fala que utiliza mais o bate-papo do que o próprio Facebook:



“Sim, é isso mesmo. Eu uso muito mais que o Facebook. Uso direto, porque eu deito na cama, sabe? Aí eu fico mexendo no bate-papo, que tem um aplicativo só de bate-papo, que eu acho mais simples. (PARTICIPANTE 1).

Quando foi proposto que o grupo dissertasse sobre a diferença entre o recurso de bate-papo e o de mensagem privada, ficou claro que há a consciência da dimensão das conversas síncronas e assíncronas, que se diferenciam pela resposta imediata, no primeiro caso, e na possibilidade do usuário tomar mais tempo para enviar a sua resposta, no segundo (RECUERO, 2010). Tal percepção pode ser vista no discurso da Participante 3:

“O bate-papo, para tu falar e a pessoa responder mesmo, ela tem que estar necessariamente on-line. E a mensagem tu pode mandar a qualquer hora, quer a pessoa esteja ou não esteja, que quando ela entrar ela vai receber direto (PARTICIPANTE 3).

Dessa forma, vê-se que a compreensão do grupo sobre o recurso, mais uma vez, é bastante parecida com a descrição oferecida pelo próprio Facebook (2012), que diz que esse é um recurso que permite ao usuário “enviar mensagens instantâneas os amigos on-line”.

A faixa etária também se faz relevante quando as crianças são questionadas sobre o serviço de localização do site, que permite que um usuário marque em suas publicações onde ele está fisicamente. As crianças têm uma noção bastante clara da existência e funcionalidade desse recurso:

“Tu posta ‘oi’, aí vai aparecer ‘enviado’, e eu estou no shopping Iguatemi, e vai tá ‘enviado de shopping Iguatemi’. Só que se teu perfil não é bloqueado, qualquer pessoa pode saber que tu tá no shopping Iguatemi” (PARTICIPANTE 3).

Essa falta de privacidade citada pela participante é justamente o motivo pelo qual as crianças não fazem uso da ferramenta, pois elas têm a percepção de que utilizá-la é perigoso. Alguns pais inclusive já orientaram os filhos para que utilização



o serviço de localização. Apesar da indicação dos pais, há um sentimento de insegurança próprio, por parte delas:

“Meus pais nunca falaram, assim, para não usar a ferramenta, sabe? Mas eu tenho uma certa noção de que não se deve. Eu sei que isso é uma coisa perigosa.” (PARTICIPANTE 4).

Um aspecto a ser ressaltado, é que o Facebook funciona como um agregador de amigos. Através dele, como visto, é mantida a conexão entre os amigos e colegas de escola. Outro ponto a ser resgatado é a relação que as crianças fazem entre o Facebook e um local físico. Já foram exploradas as respostas dos entrevistados sobre o tema, onde eles argumentam que, se fosse um espaço físico, o Facebook seria um “parque de diversões” (PARTICIPANTE 1), um “clube” (PARTICIPANTE 3) ou uma “escola”. Embora esse último possa parecer destoar dos outros dois, o próprio entrevistado traz uma explicação simples e direta para a sua afirmação: “a escola, porque é o lugar onde a gente mais se fala.” (PARTICIPANTE 2). Os conteúdos com os quais as crianças lidam no site estão intimamente relacionados com as relações mantidas e com esta percepção.

O Facebook surge, então, como um ponto de encontro virtual, mais uma vez reforçando a ideia da extensão dos relacionamentos. Isso está de acordo com o tratamento dado por Lévy (2010) para o ciberespaço. Segundo o autor, esse se constitui como um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” (LÉVY, 2010, p. 94), que emerge de um movimento social cujo objetivo era a apropriação dos meios de comunicação . Os membros de tal movimento “exploraram e construíram um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva.” (LÉVY, 2010, p. 128).

A emergência desse espaço de interconexão, apropriação e invenção coletivas é capaz de proporcionar o surgimento do que o teórico chama de ágora virtual (LÉVY, 2000). Ele argumenta que, desde quando a escrita proporcionou a formação das primeiras administrações democráticas, a comunicação e a política se desenvolveram lado a lado. As formas de governo existentes, continua, teriam se estabilizado “numa época em que as mudanças técnicas, econômicas e sociais eram



bem menos rápidos do que hoje” (LÉVY, 2000, p. 61). No entanto, atualmente, a técnica de comunicação e de interconexão, em suma, o ciberespaço, dão à sociedade uma chance de se reinventar, tornando-se democrática em essência, pois nesse espaço virtual, é possível explorar problemas de forma mais plural.

O site emerge, portanto, como uma ágora infantil. Desta forma, nele são replicados os assuntos que poderiam ser abordados em uma conversa do cotidiano, pois, como explica Castells (2002): “a internet põe os cidadãos em contato por meio de uma ágora pública, através da qual eles podem exprimir suas preocupações e partilhar suas esperanças”. Conseqüentemente, o Facebook, quando utilizado pelas crianças, toma uma dimensão única de lazer, se transformando em um espaço no qual elas tratam de diversão e hobbies.

6 - Considerações finais

As crianças veem no Facebook uma forma de se manterem conectadas com seus amigos mais próximos. O primeiro contato se dá geralmente através de amigos ou de irmãos mais velhos. Uma vez cadastradas, as crianças utilizam o site para conversar. Para isso, elas fazem uso de diversas funcionalidades, como grupos e bate-papo, com o objetivo de estender os diálogos com seus pares. No entanto, para poderem ser ativas no Facebook é preciso que elas construam uma identidade própria. Algumas crianças, então, aparecem na rede como mais engraçadas ou menos tímidas do que em ambientes não mediados. Essas pequenas nuances, no entanto, aparentam não serem obstáculos para que o real objetivo, conversação, seja atingido.

A apropriação do site enquanto uma ferramenta de conversação, sem dúvida, influi nos tipos de conteúdos compartilhados pelas crianças na rede, tema do segundo objetivo proposto. Foi identificado que os conteúdos trabalhados no site pelas crianças orbitam, de forma geral, em torno de seus hobbies e interesses pessoais. As crianças utilizam as ferramentas de compartilhamento como um sinal para mostrar aos outros o que as agrada.

As crianças compartimentalizam a sua experiência virtual em diversos grupos, sendo que cada um deles têm um tema, função e denominador comum específicos. As



fotos e imagens - talvez o principal tipo de conteúdo trabalhados pelas crianças - servem para compartilhar com os seus amigos um pouco de suas experiências de vida.

Desta forma, através das fotos os amigos estão sempre cientes do que acontece nas vidas uns dos outros. Fotos e compartilhamentos somam-se de forma a tornar o perfil uma espécie de espetáculo para uma plateia formada pelas conexões do Facebook. As crianças selecionam bastante os conteúdos que dividirão com os amigos, com o objetivo de receberem muitas curtidas, um sinal de que são bem aceitas pelo grupo. O teor destes compartilhamentos é, na maioria das vezes, humorístico. Afinal, as “coisas sérias” são temas pertencentes ao mundo adulto, enquanto o Facebook é um lugar para “bobagens”. A mera presença dos adultos, porém, faz com que os conteúdos trabalhados pelas crianças se transformem. Afinal, existem alguns temas que os pais não gostam ou não devem ver. Como resultado, elas fecham-se em grupos.

Tais grupos, constituídos por poucos usuários com características partilhadas, acabam por reforçar os laços entre os atores, pois são espaços seguros, onde é preciso confiar que nenhum integrante deixará aquelas informações chegarem aos pais. O principal tipo de relação mantida por elas através da plataforma do Facebook é a de amizade. Tal ponto é relevante porque é na infância que o indivíduo começa a abrir-se para o mundo, aumentando a sua rede de contatos. Para o estabelecimento da amizade na rede, volta-se à ideia do perfil e de sua veracidade. As crianças precisam de indicativos de quem o usuário, de fato, é.

Além disso, para ser aceito como amigo no Facebook, é preciso compartilhar conteúdos de interesse para os outros. Foi explorado também que as crianças têm um conceito bastante amplo sobre o que é ser amigo. No site, elas adicionam pessoas com as quais nunca falaram, mas que sabem quem são. Tal fato é decorrente de dois fatores. Em primeiro lugar, há uma etiqueta virtual, onde não aceitar um pedido de amizade é ofensa grave. Depois, o número de conexões no site é um número importante. Assim, no Facebook, a quantidade de amigos é mais relevante do que a



qualidade das amizades. Os comportamentos mantidos no site, no entanto, parecem replicar aqueles existentes em ambientes não mediados.

De fato, as crianças conversam mais na rede com aquelas pessoas que conversam na escola, enquanto com os “conhecidos”, da mesma forma que a interação face a face se resume a um diálogo eventual, a conexão via internet se limita a um aceite do pedido de amizade. É importante ressaltar que o Facebook tem outra influência nos relacionamentos infantis. Como visto, as crianças compreendem que há no site uma forma de fugir do conflito, do embaraço. Assim, admitem que é mais fácil brigar utilizando a conversação mediada. Sejam amigos ou conhecidos, todos os contatos de uma criança no Facebook acabam por influenciar os seus comportamentos. Isso se dá porque todo comportamento é social, ou seja, feito em função das expectativas de terceiros. A influência dos amigos ocorre justamente pela grande frequência de uso do mesmo. As crianças têm noção plena de que tipo de conteúdo os seus amigos postam na rede. Assim, o seu comportamento é influenciado no sentido de conformar-se às normas da sociedade civil virtual que é o Facebook. É preciso buscar conteúdos legais e comportar-se da maneira como os pares esperam, de forma a conseguir mais curtidas. A influência familiar também mostrou-se presente. Os pais influenciam tanto de forma implícita quanto explícita.

Em alguns pontos, os pais orientam os filhos, de forma que eles deixam de usar algumas ferramentas e abandonam alguns comportamentos. No entanto, a sua mera presença se constitui em uma fonte de influência, pois as crianças sentem-se vigiadas por eles, de maneira que tentem adequar as suas atitudes aos olhares dos pais e adultos em geral. Esta relação entre os pais e a experiência virtual das crianças foi tema do último objetivo secundário proposto para este estudo. Identificou-se que há um ruído comunicacional entre pais e filhos, decorrente de um menor entendimento sobre o site por parte dos primeiros.

As crianças não percebem obstáculos ou diferenças nas interações mediadas e não mediadas. Como consequência, elas estão imersas em um único ambiente interativo, sem pausas, sem barreiras, sem fronteiras. Neste espaço virtual, porém, os



relacionamentos centram-se em interações com pares e amigos, muitas vezes em grupos fechados e invisíveis aos olhos adultos. O que acontece, então, é que no Facebook as crianças encontram um espaço para trocar conteúdos e informações com seus amigos longe de outras instituições socializadoras, como, por exemplo, a família. Em tais espaços, devido ao pequeno grupo, os laços são reforçados, o que pode fazer com que o relacionamento se aprofunde. Importante também é o fato de que tais interações são feitas sem a presença física do outro, o que faz com que as crianças consigam trabalhar conflitos e outros conteúdos os quais poderiam ser de embaraço. Embora a resolução de conflitos possa ser vista como positiva, é válido ressaltar que na vida adulta o indivíduo precisará constantemente solucionar conflitos, como, por exemplo, no ambiente de trabalho. Assim, é possível que as crianças estejam perdendo uma lição importante para a vida em sociedade.

Existe, portanto, uma importante reflexão, acerca de até que ponto as interações mediadas são capazes de satisfazer as necessidades de contato dos homens. Afinal, como visto, é apenas em contato com outros iguais que nos tornamos humanos de verdade.

Referências

- ABRAM, Carolyn; PEARLMAN, Leah. **Facebook for Dummies**. Jersey City: Wiley Publishing, 2010.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BAREFOOT, Darren; SZABO, Julie, **Manual de Marketing em Mídias Sociais**. São Paulo: Novatec, 2010.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. **Socialização: como ser um membro da sociedade**. In: **Sociedade e Sociologia: leitura de introdução à Sociologia**. FORACCHI, Marialice Mencari (ORG.) Rio de Janeiro: LTC, 1994.
- BRAGHIROLI, Elaine Maria et al. **Psicologia Geral**. Porto Alegre: Vozes, 1990.



BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia - de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BRYM, Robert et al. **Sociologia – sua bússola para um novo mundo**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura**, v. 1, p. 87-99, 2002.

CHRISTAKIS, Nicholas A.; FOWLER, James. **O poder das conexões: a importância do networking e como ele molda nossas vidas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

FACEBOOK.com. **Sobre**. 2012. Disponível em <http://www.facebook.com/facebook/info>
Acesso: 30 mai 2015.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos – o declínio do individualismo na sociedade de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MYERS, David. **Introdução à psicologia geral**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

SOCIALBAKERS.com. **Facebook Statistics by Country**. 2012. Disponível em <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/> Acesso: 5 jun. 2015.

TAKEUCHI, Lori. **Kids Closer Up: Playing, Learning, and Growing with Digital Media**. International Journal of Learning and Media. Volume 3, N. 2. Massachusetts Institut of Technology. 2012. Disponível em: http://dmlcentral.net/sites/dmlcentral/files/resource_files/3.pdf Acesso 5 jun. 2015.

TELLES, André. **A Revolução das Mídias Sociais – Estratégias de Marketing Digital para você e sua empresa terem sucesso nas mídias sociais**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2011.